

# COESÃO DE GRUPO NO BASQUETEBOL: OLHARES NAS CATEGORIAS DE BASE

Guilherme Henrique Cordeiro Xavier<sup>1</sup>  
Bruna Maria Genuíno Sousa<sup>1</sup>  
Douglas Versuti Arantes Alvarenga<sup>3</sup>  
Rosana Lopes da Silva Garcia<sup>4</sup>  
Afonso Antonio Machado<sup>5</sup>  
Ivan Wallan Tertuliano<sup>6</sup>

XAVIER, G. H. C.; SOUSA, B. M. G.; ALVARENGA, D. V. A.; GARCIA, R. L. da S.; MACHADO, A. A.; TERTULIANO, I. W. Coesão de grupo no basquetebol: olhares nas categorias de base. *Arq. Cienc. Saúde UNIPAR*, Umuarama, v. 24, n. 1, p. 53-59, jan./abr. 2020.

**RESUMO:** O presente estudo teve como objetivo investigar o nível de coesão de grupo em atletas de Basquetebol de categorias de base, comparando os níveis de coesão de grupo no início (abril de 2018) e no final (novembro de 2018) da temporada. Participaram do estudo 26 atletas com idade entre 13 e 15 anos. O instrumento utilizado foi o Questionário de Ambiente de Grupo – QEG. Os resultados demonstraram que os atletas de Basquetebol investigados apresentaram elevados escores nas dimensões relacionadas à tarefa, com maiores escores para dimensão AI-T (Atração Individual para o Grupo-Tarefa), independentemente de a análise ser no início ou no final da temporada. Assim, pode-se considerar que os atletas investigados neste estudo apresentaram coesão em prol da tarefa, o que é considerado adequado para o desempenho esportivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coesão de Grupo. Basquetebol. Psicologia do Esporte. Ambiente de grupo.

## GROUP COHESION IN BASKETBALL: A LOOK AT THE BASE CATEGORIES

**ABSTRACT:** This study aimed at investigating the level of group cohesion in basketball athletes in base categories, comparing group cohesion levels at the beginning (April 2018) and at the end (November 2018) of the season. A total of 26 athletes aged 13 to 15 years old participated in the study. The instrument used was the Group Environment Questionnaire - QEG. The results showed that the investigated basketball athletes presented high scores on the task-related dimensions, with higher scores for the IA-T dimension (Individual Attraction for the Task Group) regardless of whether the analysis was at the beginning or at the end of the season. Thus, it can be considered that the athletes investigated in this study presented cohesion in favor of the task, which is considered adequate for the sport performance.

**KEYWORDS:** Group Cohesion. Basketball. Psychology of Sport. Group environment.

### Introdução

Coesão de grupo é definida, ao longo do tempo, de diferentes maneiras. Na década de 1950 era definida como o campo total de forças que agem para que os membros permaneçam juntos no grupo (FESTINGER; SCHACTER; BACK, 1950). Nesse período, duas vertentes impulsionavam a interação dos membros dentro de um grupo, sendo que a primeira referia-se a atratividade do grupo e a segunda ao controle dos meios (FESTINGER, 1950). Todavia, na década de 1990 outra definição foi adotada, baseando-se na perspectiva multidimensional, apresentada por Carron, Brawley e Widmeyer (1998), na qual os autores definem coesão de grupo como um processo dinâmico que se reflete na tendência de um grupo a se unir e permanecer unido na busca de seus objetivos instrumentais e/ou para a satisfação das necessidades afetivas dos membros. Além disso, a literatura aponta que coesão de grupo pode ser dividida em coesão de tarefa e coesão social (MIKALACHKI, 1969).

A coesão de tarefa é compreendida como a coesão do grupo para realização de uma tarefa e organizado para desenvolvê-la (TENENBAUM; EKLUND, 2007), enquanto que a coesão social é compreendida como a coesão do grupo para funções sociais, o que não envolve, necessariamente, uma tarefa da equipe (WEINBERG; GOULD, 2017). Inde-

pendente das definições apresentadas, alguns pesquisadores têm apontado que a coesão de grupo é um fator que pode influenciar os resultados das equipes no contexto esportivo (NASCIMENTO JÚNIOR *et al.*, 2018; SILVEIRA; OLIVEIRA, 2017), principalmente no âmbito dos esportes coletivos (ASAMOAH; GROBBELAAR, 2017; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016b).

Diante disso, os pesquisadores têm se preocupado com o desenvolvimento de instrumentos capazes de auxiliar no entendimento dos níveis de coesão de grupo das equipes esportivas e, com isso, conseguir traçar perfis que são mais adequados para os melhores resultados das equipes (CARRON; WIDMEYER; BRAWLEY, 1985). Assim, partindo da visão multidimensional do constructo de coesão de grupo, Carron *et al.* (1985) desenvolveram o Questionário de Ambiente de Grupo (QAG), que foi traduzido para o português de Portugal (COSTA, 2005) e adaptado e validado para o português do Brasil (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2012).

Utilizando-se do constructo multidimensional e do instrumento QAG alguns estudos foram conduzidos, sendo que em sua grande maioria utilizou-se atletas profissionais de Voleibol (BALBIM; NASCIMENTO JUNIOR; VIEIRA, 2012; NASCIMENTO JUNIOR; BALBIM; VIEIRA, 2013), Handebol (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016a), Rugby (LEITE *et al.*, 2015), Futebol e Futsal (FIORESE *et al.*,

DOI: 10.25110/arqsaude.v24i1.2020.7487

<sup>1</sup>Graduado. Centro Universitário Adventista de São Paulo – Unasp, São Paulo/SP. E-mail: guilherme\_edfisica@outlook.com

<sup>2</sup>Graduada. Centro Universitário Adventista de São Paulo – Unasp, São Paulo/SP. E-mail: brunagenuino31@gmail.com

<sup>3</sup>Graduado. Centro Universitário Adventista de São Paulo – Unasp, São Paulo/SP. E-mail: doalvarenga10@gmail.com

<sup>4</sup>Mestre. Centro Universitário Ítalo Brasileiro – UniÍtalo, São Paulo/SP. E-mail: robask2906@gmail.com

<sup>5</sup>Doutor. Universidade Estadual Paulista – Unesp, Campus Rio Claro/SP. E-mail: afonsoa@gmail.com

<sup>6</sup>Doutor. Universidade Anhembi Morumbi, Escola de Ciências da Saúde, São Paulo/SP. E-mail: ivanwallan@gmail.com

2017; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016b; NASCIMENTO JÚNIOR *et al.*, 2018) e Basquetebol (BRAY; WHALEY, 2001; HEUZÉ; RAIMBAULT; FONTAYNE, 2006; MARTÍNEZ-SANTOS; CIRUELOS, 2013).

Nesse conjunto de estudos, os resultados apontam que as equipes com mais sucesso apresentam maior coesão em função da tarefa do que em relação ao grupo, corroborando a hipótese de Apple (1993), na qual o autor expõe que os objetivos de desempenho pessoal estão ligados à melhoria do desempenho da equipe. Assim, quando os atletas da equipe apresentam maior coesão de grupo em função da tarefa, cumprem de forma mais satisfatória as tarefas do grupo, pois percebem tal cumprimento como uma melhoria do seu próprio desempenho.

Porém, a literatura apresenta algumas lacunas, como a de poucos estudos com atletas de categorias de base (TAGHIZADEH; SHOJAIE, 2012), principalmente no Basquetebol, em que todos os estudos foram com atletas profissionais. Assim, observa-se a necessidade de ampliação nos estudos acerca da coesão de grupo em atletas de categorias de base para melhor compreensão dos efeitos da coesão de grupo nos resultados de equipes de base, justificando o presente estudo. Diante disso, o problema norteador do presente estudo é: Os atletas de Basquetebol, de categorias de base, apresentam perfis de coesão de grupo similares aos de atletas profissionais? Isto posto, o objetivo do presente estudo foi investigar o nível de coesão de grupo em atletas de Basquetebol de categorias de base, comparando os níveis de coesão de grupo no início (abril de 2018) e no final (novembro de 2018) da temporada.

## Método

### Participantes

Participaram da presente pesquisa, de forma voluntária, 26 atletas de Basquetebol, todos de categorias de base de um clube da cidade de São Paulo. Os participantes tinham, no período de coletas, idade entre 13 e 15 anos ( $M = 14,19$ ,  $DP = 0,63$ ) e todos são do sexo masculino. Os atletas que participaram deste estudo faziam parte de duas categorias, a sub-13 (12 participantes) e a sub-15 (14 participantes). Cabe ressaltar que todos os atletas eram orientados e treinados pela mesma equipe técnica. Como os participantes são menores de idade, antes da participação, todos preencheram e assinaram o termo de assentimento e seus responsáveis o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

### Instrumentos

Para atender ao objetivo do presente estudo, utilizou-se o Questionário de Ambiente de Grupo – QEG, (CARON; WIDMEYER; BRAWLEY, 1985), o qual apresenta uma versão adaptada e validade para língua portuguesa (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2012) Este instrumento é composto por 16 itens que avaliam a coesão de grupo em equipes esportivas. Nesse instrumento, os itens são distribuídos em quatro dimensões: 1- Integração no Grupo-Tarefa (GI-T) – como o atleta considera a harmonia da equipe em tarefas a serem realizadas (itens 8, 10, 12, 14 e 16); 2- Integração no Grupo-Social (GI-S) – como o atleta considera a união da equipe como unidade social (itens 9, 11, 13 e 15); 3- Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T) – como o

atleta considera seu envolvimento com os objetivos estabelecidos (itens 3, 4 e 6), e 4- Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S) – como o atleta considera a sua integração dentro do grupo social (itens 1, 2, 5 e 7).

Em relação às questões, elas podem ser respondidas em uma escala de nove pontos, sem que 1 significa “discordo totalmente” e 9 “concordo totalmente”. Nesse instrumento, as respostas mais próximas de 9 “concordo totalmente”, indicam um alto nível de coesão, enquanto que, as respostas mais próximas de 1 “discordo totalmente”, indicam um baixo nível de coesão. Para calcular o escore de cada dimensão deve-se somar as respostas dos itens de cada dimensão e dividir pelo respectivo número de itens, apresentando valores que variam entre 1 e 9.

## Procedimentos

Partindo-se dos princípios éticos de uma pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS), Resolução 466/12, o presente trabalho foi apresentado ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Hospital e Centro de Reabilitação da AACD e aprovado pelo mesmo comitê, sob o número de parecer: 1.541.273. Após essa etapa, iniciou-se o contato com o clube para que o mesmo autorizasse a coleta junto aos atletas. Com a autorização do clube, os técnicos e atletas foram informados dos objetivos do estudo e os atletas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), garantindo-lhes o anonimato e confiabilidade de todas as informações coletadas. Como no presente estudo todos os atletas são menores de idade, eles assinaram o termo de assentimento e um responsável legal, maior de idade, assinou o TCLE.

Com o intuito de garantir a confiabilidade dos resultados, os atletas responderam o questionário individualmente, em uma sala dentro das instalações do clube, junto da presença de um dos pesquisadores. Tais ações foram tomadas para garantir que os atletas não tivessem contato com outros atletas e com a comissão técnica durante o preenchimento do questionário. Assim, não houve troca de informações pelos jogadores antes e durante a aplicação do questionário.

Cabe explicar também, que os atletas responderam ao questionário em 2 períodos da temporada: no início da temporada (na semana da primeira partida no torneio – Abril de 2018) e no final da temporada (na semana do jogo final das equipes, que coincidiu com as finais do torneio – para todos os participantes – Novembro de 2018). Após os atletas responderem ao questionário, as informações foram transferidas para uma planilha eletrônica (Excel, versão 2016), para melhor análise dos resultados. O tempo de preenchimento do questionário foi, em média, de 15 minutos.

## Análise Estatística

Como o número de participantes é pequeno, teve-se que testar a normalidade e a homogeneidade de variância dos dados, o que foi realizado por meio do teste Kolmogorov-Smirnov (K-S) e do teste de Levene, respectivamente, nos 2 momentos de coleta (início e final de temporada). Nesse caso, os dados não apresentaram distribuição normal ( $p > 0,05$ ), nem homogeneidade de variância ( $p > 0,05$ ), para ambos os momentos de coleta e, assim, foram utilizados Mediana (Md) e Quartis (Q1; Q3) para caracterização dos resultados, e as análises inferenciais foram conduzidas com o uso de testes

não paramétricos.

Com o intuito de avaliar a consistência interna das dimensões do questionário, em cada momento de coleta, ou seja, a confiabilidade das dimensões do instrumento utilizou-se do alfa de Cronbach ( $\alpha$  de Cronbach). Para essas análises assumiram-se valores entre 0,7 e 0,8 como aceitáveis para o  $\alpha$  de Cronbach (FIELD, 2009), para cada dimensão e momento de coleta, de forma isolada. Em relação às análises de fidedignidade teste-reteste, utilizou-se o coeficiente de correlação intraclases entre os itens e as dimensões do instrumento. Os valores utilizados para categorizar as correlações foram os propostos por Hopkins (2002), em que <0,10 (trivial), 0,10 a 0,30 (baixa), 0,31 a 0,50 (moderada), 0,51 a 0,70 (alta), 0,71 a 0,90 (muito alta), 0,91 a 0,99 (quase perfeita) e 1 (perfeita).

Após essas etapas de análises do instrumento, iniciaram-se as análises dos resultados obtidos pelo questionário. Para analisar as diferenças entre as dimensões, em cada momento de coleta, utilizou-se o teste de Friedman. Com o intuito de localizar a diferença entre as dimensões, caso ela fosse significativa, utilizou-se o post hoc de Wilcoxon. Para controle do erro tipo 1, foi utilizado o procedimento sequencial Holm de Bonferroni (GREEN; SALKIND; AKEY, 2000).

Frente às análises entre os momentos de coleta (início X final de temporada) utilizou-se o teste de Wilcoxon,

comparando-se os resultados do início e do final da temporada. Todas as análises foram realizadas com o auxílio do IBM SPSS Statistics, versão 20. No presente estudo as análises inferenciais assumiram o valor de  $p \leq 0,05$  para níveis de significância.

## Resultados

Tratando-se da confiabilidade das escalas do instrumento, o alpha de Cronbach revelou bons índices de confiabilidade no início ( $\alpha > 0,868$ ) e no final da temporada ( $\alpha > 0,572$ ), ou seja, o índice de consistência interna geral do instrumento foi satisfatório nos dois momentos de coleta. Todavia, assumindo a multidimensionalidade do instrumento, houve a necessidade de calcular a confiabilidade de cada dimensão, em cada momento de coleta, isoladamente.

Assim, os valores de confiabilidade para cada dimensão, no início da temporada, variaram entre 0,868 e 0,929, tendo a correlação item-dimensão variando entre 0,569 e 0,864, indicando correlação alta entre os itens e a dimensão a qual ele pertence (Tabela 1). Dando continuidade aos dados de confiabilidade, os valores para cada dimensão, no final da temporada, variaram entre 0,572 e 0,884, tendo a correlação item-dimensão variando entre 0,314 e 0,837, indicando correlação adequada entre os itens e a dimensão a qual ele pertence (Tabela 2).

**Tabela 1:** Consistência interna das dimensões do instrumento e correlação item-dimensão (n=26), início de temporada.

Dimensão	Item número	$\alpha$	Correlação Item-Dimensão
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	8, 10, 12, 14, 16	0,929	0,828/0,660/0,864/0,831
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	9, 11, 13, 15	0,868	0,799/0,569/0,685/0,845
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	3, 4, 6	0,920	0,814/0,845/0,853
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	1, 2, 5, 7	0,886	0,848/0,768/0,590/0,794

Fonte: os autores.

**Tabela 2:** Consistência interna das dimensões do instrumento e correlação item-dimensão (n=26), Final de temporada.

Dimensão	Item número	$\alpha$	Correlação Item-Dimensão
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	8, 10, 12, 14, 16	0,884	0,670/0,837/0,746/0,640/0,725
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	9, 11, 13, 15	0,729	0,655/0,314/0,512/0,609
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	3, 4, 6	0,572	0,480/0,501/0,552
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	1, 2, 5, 7	0,614	0,360/0,521/0,542/0,519

Fonte: os autores.

Frente às análises para cada momento de coleta, para as 4 dimensões do instrumento (GI-T, GI-S, AI-T e AI-S), observou-se pela análise descritiva (Tabela 3), a qual foi realizada com os dados do início da temporada, que os níveis mais altos de coesão de grupo foram encontrados na dimensão atração individual para o grupo-tarefa – AI-T (Md = 8,00) e Integração no grupo-tarefa – GI-T (Md = 7,40). Tais informações foram suportadas pela análise inferencial, já que o teste de Friedman apresentou diferença significativa dentre dimensões [ $\chi^2(3) = 32,413$ ;  $p < 0,0001$ ]. Concernente a localização, o teste de Wilcoxon demonstrou que a dimensão GI-S apresentou escores menores que as dimensões GI-T, AI-T e AI-S ( $p < 0,008$ , valor ajustado) e que a dimensão AI-T foi superior a dimensão AI-S ( $p < 0,008$ , valor ajustado). Tais resultados demonstram que no início da temporada a di-

mensão que obteve menor escore por parte dos atletas foi a GI-S e que a dimensão AI-T obteve os melhores escores, corroborando a análise descritiva.

**Tabela 3:** Comparação das dimensões de coesão de grupo para toda amostra (n=26), início da temporada.

Dimensão	Itens
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	7,40 (6,90; 7,65)
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	6,50 (5,12; 7,25)
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	8,00 (6,67; 8,67)
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	7,25 (6,25; 8,00)

Fonte: os autores.

Analisando-se os dados do final da temporada, observou-se pela análise descritiva (Tabela 4), que os valores foram similares aos valores do início da temporada, tendo os níveis mais altos de coesão de grupo na dimensão atração individual para o grupo-tarefa – AI-T (Md = 8,33) e Integração no grupo-tarefa – GI-T (Md = 7,40). Tais informações foram suportadas pela análise inferencial, já que o teste de Friedman apresentou diferença significativa entre as dimensões [ $\chi^2(3) = 43,126$ ;  $p < 0,0001$ ].

Concernente à localização, o teste de Wilcoxon demonstrou que a dimensão GI-S apresentou escores menores que as demais dimensões ( $p < 0,008$ , valor ajustado) e que a dimensão AI-T apresentou valores superiores aos das dimensões GI-T e AI-S ( $p < 0,008$ , valor ajustado). Tais resultados demonstraram que no final da temporada, assim como no início da temporada, a dimensão que obteve menor escore por parte dos atletas foi a GI-S e que a dimensão AI-T obteve os melhores escores.

**Tabela 4:** Comparação das dimensões de coesão de grupo para toda amostra (n=26), final da temporada.

Dimensão	Itens
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	7,40 (6,15; 8,25)
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	5,63 (4,62; 6,75)
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	8,33 (7,50; 8,67)
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	7,00 (5,94; 8,00)

Fonte: os autores.

Nas comparações entre os momentos de coleta, pôde-se observar (Tabela 5) que não houve diferença significativa entre as dimensões nos dois momentos de Coleta de dados. Tais informações foram suportadas pelos testes inferenciais, dos quais o Teste de Wilcoxon não apresentou

diferença significativa entre os períodos para nenhuma dimensão ( $p > 0,05$ ). Assim, os resultados reforçam o observado nas análises anteriores, ou seja, os atletas apresentaram os mesmos níveis de coesão de grupo no início e no final da temporada.

**Tabela 5:** Comparação das dimensões de coesão de grupo entre o início e o final da temporada (n=26), Teste de Wilcoxon.

Dimensão	Início da Temporada	Final da Temporada	Z	P
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)		
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	7,40 (6,90; 7,65)	7,40 (6,15; 8,25)	-0,344	0,731
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	6,50 (5,12; 7,25)	5,63 (4,62; 6,75)	-1,455	0,146
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	8,00 (6,67; 8,67)	8,33 (7,50; 8,67)	-0,626	0,531
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	7,25 (6,25; 8,00)	7,00 (5,94; 8,00)	-0,243	0,808

Fonte: os autores.

Em síntese, os resultados deste estudo demonstraram que o questionário utilizado apresentou bons valores de consistência interna para a amostra investigada. Cabe tecer, também, que os resultados demonstraram que os atletas de Basquetebol, do clube investigado, apresentaram valores superiores para dimensão AI-T, além de apresentaram valores inferiores para dimensão GI-S. Por fim, os resultados demonstraram que durante a temporada de 2018, os atletas não tiveram mudanças significantes nos níveis de coesão de grupo.

## Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar o nível de coesão de grupo em atletas de Basquetebol, de categorias de base, comparando os níveis de coesão de grupo no início e no final da temporada. Para tanto, utilizou-se do

QEG, instrumento que foi adaptado e traduzido para o português brasileiro (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2012) e que demonstra bons resultados de validade e fidedignidade (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016b), assim como o encontrado no presente estudo.

Tratando-se, agora, dos resultados do presente estudo, constatou-se que os participantes, nos dois momentos de coleta, apresentaram resultados que indicam forte coesão de grupo, já que os escores encontrados em todas as dimensões foram superiores a 5 e, de acordo com a literatura (CARRON; WIDMEYER; BRAWLEY, 1985; NASCIMENTO JUNIOR; VIEIRA, 2012, 2013), quando isso ocorre, sugere-se que exista bons índices de coesão de grupo. Cabe, também, salientar que a dimensão AI-T (em todos os momentos da pesquisa) apresentou-se, de forma significativa, como a dimensão com maiores escores. Esta dimensão, a AI-T, diz respeito a como o atleta considera seu envolvimento com os

objetivos estabelecidos e também o desejo dos atletas em alcançar níveis cada vez mais altos de desempenho nas competições (CARRON *et al.*, 2002).

Assim, com base nos resultados do presente estudo, pode-se tecer que os atletas deste estudo apresentaram inclinação ao cumprimento das tarefas com o intuito de alcançar os objetivos que são assumidos por toda equipe. Dessa maneira, eles atuaram em prol das tarefas com mais efetividade, corroborando a hipótese de coesão de grupo proposta pela literatura (APPLE, 1993), em que a coesão em prol da tarefa é mais efetiva que a coesão em prol das amizades. Tal resultado corrobora os achados de outros estudos (CARRON; WIDMEYER; BRAWLEY, 1985; ESTABROOKS; CARRON, 2000; EYS *et al.*, 2007, 2009; FIORESE *et al.*, 2017; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016a, 2016b; NASCIMENTO JUNIOR; BALBIM; VIEIRA, 2013), confirmando a hipótese apresentada por esses estudos, de que quanto maiores os escores relacionados à tarefa, maior empenho será empregado pelos atletas para atingirem os objetivos estabelecidos pela equipe.

Em síntese, os resultados do presente estudo, no que tange à coesão do grupo em prol da tarefa, corrobora os achados de outros estudos supracitados, apontando que a coesão de grupo, quando relacionada à tarefa, pode contribuir, de forma mais efetiva, para resultados positivos da equipe e melhor desempenho da mesma (NASCIMENTO JÚNIOR *et al.*, 2018). Indo além, o presente estudo tem o avanço científico de avaliar os atletas em períodos distintos de uma temporada (início e final), demonstrando que a equipe, quando coesa no início da temporada, em função da tarefa, tende a manter-se coesa no final da temporada e, com isso, ter melhores resultados no final da temporada, corroborando a literatura (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2011). Entretanto, cabe assumir tal relação com cautela, já que essa comparação (coesão X desempenho) não foi avaliada no presente estudo, demonstrando uma limitação do estudo e apontando possibilidades de investigações futuras.

Observando-se os resultados do presente estudo ao longo da temporada, pode-se tecer que a estabilidade na coesão do grupo pode ter direta relação com a comissão técnica que treina o grupo. Nascimento Júnior e Vieira (NASCIMENTO JUNIOR; VIEIRA, 2012) apontam que treinadores mais democráticos tendem a terem atletas, em suas equipes, mais coesos em prol da tarefa. Somando-se a isso, Gomes, Pereira e Pinho (2008) citam que atletas jovens tendem a ser mais influenciados pela liderança do que atletas mais velhos. Assim, pode-se considerar que o técnico, efetivamente, apresenta grande influência no desenvolvimento da coesão no grupo de atletas (RIBEIRO, 2016), principalmente os mais jovens.

Tal informação é reforçada por Gomes e Machado (2010), em que os autores citam que as ações otimistas, motivacionais e favoráveis em relação às atividades impostas aos atletas, parecem ser as mais eficazes dos técnicos em prol da coesão do grupo. Entretanto, as questões apontadas acerca da influência da liderança na coesão do grupo não foi objeto de investigação do presente estudo, mas possibilitam direcionar possíveis influências do técnico na coesão do grupo (WERNECK *et al.*, 2015).

Por fim, os resultados do presente estudo demonstraram que os atletas de Basquetebol, das categorias de base,

apresentaram bons níveis de percepção de coesão de grupo, indicando grande influência da dimensão AI-T, corroborando a literatura (CARRON; WIDMEYER; BRAWLEY, 1985; ESTABROOKS; CARRON, 2000; EYS *et al.*, 2007, 2009; FIORESE *et al.*, 2017; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016b, 2016a; NASCIMENTO JÚNIOR *et al.*, 2018; NASCIMENTO JUNIOR; BALBIM; VIEIRA, 2013; PAES *et al.*, 2016; SILVEIRA; OLIVEIRA, 2017).

Dessa forma, assumindo os resultados do presente estudo, bem como os da literatura, a coesão de grupo deve ser trabalhada desde as categorias de base, pois esse é um fator psicológico relevante para o desempenho dos atletas (BETTEGA *et al.*, 2015a, 2015b). A literatura aponta que a formação esportiva deve ser elaborada de forma multidimensional, incluindo, dessa forma, a preparação psicológica, técnica, tática e física, contribuindo, assim, para a obtenção do sucesso esportivo por parte do atleta (BETTEGA *et al.*, 2015a; CARRON; BRAY; EYS, 2002), reforçando a importância do trabalho psicológico, também, nas categorias de base.

## Conclusão

Com base nos resultados do presente estudo, pode-se dizer que os atletas de categorias de base participantes do presente estudo apresentaram bons índices de coesão de grupo, com os maiores escores para dimensão AI-T. Esses achados reforçam a teoria de que o comprometimento em prol da tarefa é mais efetivo para coesão do grupo que a atração social para o grupo (FIORESE *et al.*, 2017; NASCIMENTO JÚNIOR *et al.*, 2018).

Contudo, o presente estudo apresenta algumas limitações, como o uso apenas de atletas do Basquetebol, de um mesmo clube, treinados pela mesma comissão técnica e todos do sexo masculino, demonstrando a necessidade de estudos futuros para preencherem tais lacunas. Além disso, no presente estudo não houve a relação dos resultados obtidos com outras variáveis, demonstrando, também, a necessidade de estudos que relacionem a variável investigada no presente estudo com outras variáveis como, por exemplo, o estilo de liderança.

Diante disso, sugere-se que estudos futuros levem em consideração a seleção amostral com a participação de atletas de diferentes modalidades esportivas, clubes, idades e sexo. Recomenda-se, também, que os estudos futuros relacionem coesão de grupo com outras variáveis psicológicas, como ansiedade, estado de humor e estilo de liderança, pois a influência do treinador junto a equipe, com procedimentos adotados de treinamento, estratégias de reforço, preparação etc., podem influenciar os níveis de coesão da equipe.

## Referências

APPLE, K. S. B. **The antecedents and consequences of multidimensional cohesion throughout an intercollegiate baseball season.** 1993. 254f. Thesis (PhD in Psychology) - Purdue University, Indiana, 1993.

ASAMOAH, B.; GROBBELAAR, H. W. Team Cohesion and Performance During a University Soccer Championship: Two Sides of the Coin. **South African Journal for Research in Sport, Physical Education and Recreation**, Cidade do

Cabo, v. 39, n. 1, p. 17-31, 2017.

BALBIM, G. M.; NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; VIEIRA, L. F. Análise do nível de coesão de grupo e do estresse psicológico pré-competitivo de atletas adultos de voleibol. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 14, n. 6, p. 704-712, 2012.

BETTEGA, O. B. *et al.* Pedagogia do Esporte: o Jogo como balizador na iniciação ao futsal. **Pensar à prática**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 487-501, 2015a.

\_\_\_\_\_. Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 791-801, 2015b.

BRAY, C. D.; WHALEY, D. E. Team Cohesion, Effort, and Objective Individual Performance of High School Basketball Players. **The Sport Psychologist**, Birmingham, v. 15, n. 3, p. 260-275, 2001.

CARRON, A.; WIDMEYER, W. N.; BRAWLEY, L. The Development of an Instrument to Assess Cohesion in Sport Teams: The Group Environment Questionnaire. **Journal of Sport Psychology**, London, v. 7, n. 3, p. 244-266, 1985.

CARRON, A. V.; BRAWLEY, L. R.; WIDMEYER, W. N. The measurement of cohesiveness in sport groups. **Advances in sport and exercise psychology measurement**, Morgantown, v. 23, n. 7, p. 213-226, 1998.

CARRON, A. V. *et al.* Cohesion and Performance in Sport: A Meta Analysis. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Bath, v. 24, n. 2, p. 168-188, 2002.

CARRON, A. V.; BRAY, S. R.; EYS, M. A. Team cohesion and team success in sport. **Journal of Sport Sciences**, Salt Lake City, v. 20, p. 119-226, 2002.

COSTA, C. G. **Avaliação das competências emocional e social de pessoas com condições de deficiência visual total praticantes de atividade física**. 2005. 220f. Dissertação (Mestrado em Ciências do movimento humano) - Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos - CEFID, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ESTABROOKS, P. A.; CARRON, A. V. The Physical Activity Group Environment Questionnaire: An instrument for the assessment of cohesion in exercise classes. **Group dynamics: theory, research, and practice**, Washington, v. 4, n. 3, p. 230-243, 2000.

EYS, M. A.; CARRON, A. V.; BRAY, S. R.; BRAWLEY, L. R. Item wording and internal consistency of a measure of cohesion: the group environment questionnaire. **Journal of sport & exercise psychology**, Birmingham, v. 29, p. 395-402, 2007.

EYS, M. A.; LOUGHEAD, T.; BRAY, S. R.; CARRON, A.

V. Development of a cohesion questionnaire for youth: the Youth Sport Environment Questionnaire. **Journal of sport & exercise psychology**, Bath, v. 31, n. 3, p. 390-408, 2009.

FESTINGER, L. Informal social communication. **Psychological review**, Washington, v. 57, n. 5, p. 271, 1950.

FESTINGER, L.; SCHACTER, S.; BACK, K. **Social processes in informal groups**. Stanford: Stanford University Press, 1950.

FIELD, A. **Descobrimos a estatística usando o SPSS**. São Paulo: Bookman, 2009.

FIGUEIREDO, L. *et al.* Associação entre motivação e coesão de grupo no futebol profissional: o relacionamento treinador-atleta é um fator determinante? **Revista de Psicologia del Deporte**, Barcelona, v. 27, n. suppl. 1, p. 51-57, 2017.

GOMES, A. R.; MACHADO, A. A. Liderança, coesão e satisfação em equipas de voleibol portuguesas: Indicações da investigação e implicações práticas. *In*: BRANDÃO, R. M. F.; MACHADO, A. A. (Eds.). **O Voleibol e a psicologia do esporte**. São Paulo: Atheneu, 2010. p. 187-218.

GOMES, A. R.; PEREIRA, A. P.; PINHEIRO, A. R. Liderança, coesão e satisfação em equipas desportivas: um estudo com atletas Portugueses de futebol e futsal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 482-491, 2008.

GREEN, S. B.; SALKIND, N. J.; AKEY, T. M. **Using SPSS for windows: analyzing and understanding data**. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 2000.

HEUZÉ, J. P.; RAIMBAULT, N.; FONTAYNE, P. Relationships between cohesion, collective efficacy and performance in professional basketball teams: An examination of mediating effects. **Journal of Sports Sciences**, London, v. 24, n. 1, p. 59-68, 2006.

HOPKINS, W. G. **A scale of magnitudes for effect statistics**. 2002. Disponível em: <http://www.sportsci.org/resource/stats/index.html>. Acesso em: 12 set. 2017.

LEITE, M. A. F. J. *et al.* Nível de coesão grupal e satisfação de atletas de rugby. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 14, n. 3, p. 125-132, 2015.

MARTÍNEZ-SANTOS, R.; CIRUELOS, O. Collective efficacy, cohesion and performance in spanish amateur female basketball. **Revista de Psicologia del Deporte**, Barcelona, v. 22, n. 1, p. 235-238, 2013.

MIKALACHKI, A. **Group cohesion reconsidered**. 1969. 278 f. Thesis (PhD in Administration) - School of Business Administration, University of Western Ontario, London, 1969.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; BALBIM, G. M.; VIEIRA, L. F. Coesão de grupo em equipas adultas de

voleibol do estado do Paraná. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 105-115, 2013.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. *et al.* Análise das relações entre ansiedade estado e coesão de atletas de handebol. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 89-102, 2016a.

NASCIMENTO JÚNIOR, J. R. A. *et al.* A frequência de jogos como titular e o tempo na equipe são fatores intervenientes na percepção de coesão de grupo no contexto do Futsal de alto rendimento? **Revista Inspirar movimento & saúde**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 26-31, 2018.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. *et al.* Propriedades psicométricas do questionário de ambiente de grupo (GEQ) para o contexto do futebol e futsal de alto rendimento. **Revista da Educação Física da UEM**, Maringá, v. 27, n. 1, p. 2742, 2016b.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; VIEIRA, L. F. Liderança do técnico e coesão de grupo: um estudo com equipes profissionais de futsal. **Revista brasileira de ciência e movimento**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 84-90, 2012.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A.; VIEIRA, L. F. Coesão de grupo e liderança do treinador em função do nível competitivo das equipes: Um estudo no contexto do futsal paranaense. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 89-102, 2013.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. *et al.* Validação do Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ) para a língua portuguesa. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 770-782, 2012.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. *et al.* Nível de satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de futsal adulto. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 138-144, 2011.

PAES, M. J. *et al.* Frequência, intensidade e direção da ansiedade e sua relação com a coesão grupal em uma equipe de voleibol infanto-juvenil masculina. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 46-56, 2016.

RIBEIRO, C. C. **Qualidade da relação treinador-atleta em contextos desportivos: Relações com fatores de grupo e diferenças em função do sexo**. 2016. 31f. Dissertação (Mestrado em Psicologia aplicada) - Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2016.

SILVEIRA, F. J. T.; OLIVEIRA, L. P. A coesão de grupo realacionada à satisfação das necessidades básicas no esporte em karatecas. **Revista Cesumar**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 7-17, 2017.

TAGHIZADEH, F.; SHOJAIE, M. Comparing Emotional Intelligence and Team Cohesion of Elite and Amateur Table Tennis Players. **Advances in Applied Science Research**, London, v. 3, n. 6, p. 3633-3639, 2012.

TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (EDS.). **Handbook of Sport Psychology**. 3. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2007.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2017.

WERNECK, F. Z. *et al.* Características preditoras da escalação de jovens atletas de futsal. **Revista Brasileira de Futebol**, Viçosa, v. 8, n. 1, p. 43-53, 2015.

Recebido em: 27-04-2019

Aceito em: 28-02-2020